

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 7

1977

Leonardo

Benedito Azamboni



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Busetti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANÇO

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcanço Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcanço.com.br / e-mail: alcanço@editoraalcanço.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filho), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Leonardo



Leonardo pertence a uma escola bem definida da música do Rio Grande. Teixeira, José Mendes e vários outros exemplos de grandes compositores gaúchos trazem estas marcas de uma infância difícil vivida no interior do estado; depois uma mudança para a capital, sem eira nem beira, um salto no vazio de um futuro incerto e a vitória em uma profissão difícil. Com Jader Moreci Teixeira, não foi diferente: o mesmo grau de profissionalismo e a mesma luta movida pela mais absoluta necessidade. Dos três citados, talvez apenas José Mendes tenha migrado para Porto Alegre já com a determinação de ser artista. Leonardo, assim como Teixeira, passou pelo estágio da "arte da sobrevivência", vindo da semi-indigência, encontrando na música o caminho da dignidade. Um dia, uma placa, oferecendo vaga de palhaço em um circo, abriu as portas para o centro das atenções de uma platéia ao jovem Jader. Ali tomou gosto pelo aplauso, que já havia experimentado timidamente como calouro infantil de rádio em sua terra natal. Foi uma decisão definitiva para ele e para a história da música do Rio Grande. Foi, também, um caminho quase involuntário, ditado pelas circunstâncias de sua necessidade e, talvez por isso, verdadeiro e sem volta.

Farejou as possibilidades e enveredou primeiro pela música sertaneja; teve músicas gravadas por duplas de sucesso, esteve na direção de departamento de gravadora onde lançou vários artistas, criou e participou de conjuntos famosos, mas foi na composição de música gauchesca que deu vazão à voz do povo por suas palavras. São poucos os exemplos de tamanha popularidade na nossa história. Leonardo compôs muitos sucessos, ora usando o linguajar campeiro, ora usando humor, muitas vezes utilizando uma poética quase lírica, noutras comprando polêmicas ou tratando de fatos históricos. Tem hoje uma das mais sólidas carreiras de nossa história musical e nem sabe ao certo quantos discos gravou ou quantos prêmios recebeu em festivais. É também um homem de opiniões fortes e convicções políticas. Conhece como ninguém a história recente da música rio-grandense, por ser um dos seus principais protagonistas e articuladores. Não há, por estas plagas sulinas, quem não conheça suas composições, mesmo que, muitas vezes, nem se saiba que é dele. É grande o número de gravações de suas obras por terceiros. De qualquer forma, por menor que seja o conhecimento que alguém possa ter da música aqui produzida, se conviveu um mínimo com a nossa cultura, é impossível que nunca tenha ouvido *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor*. O jornal Zero Hora propôs, no ano 2000, uma eleição da música mais representativa do estado no Século XX. Não deu outra.

Leonardo é um dos principais representantes do que há de mais autêntico em nossa música, mas uma leitura atenta de sua biografia haverá de nos ensinar muito sobre o caráter, a têmpera e a história do povo gaúcho. Afinal, ele tem autoridade para representá-lo, e uma autoridade conferida por voto popular e direto.

Henrique Mann - Editor



Cronologia Biográfica: Jader Moreci Teixeira Leonardo

É muito difícil estabelecer uma cronologia exata das realizações de Leonardo. Nem ele mesmo sabe quantos discos gravou em mais de quarenta anos de atividade.

Certo é que são mais de quarenta discos solo, mais de uma centena de participações em coletivos, perto de 800 músicas gravadas por ele e por outros cantores e conjuntos.

Também em festivais, a enumeração complicaria demasiadamente esta cronologia biográfica. Ele é um dos maiores vencedores destes eventos. Assim, optamos por traçar um perfil, tomando pontos referenciais, sem, contudo, enumerar exatamente todas as realizações.

Para se ter uma idéia, somente em títulos de Cidadão Emérito, Leonardo possui comendas das cidades de Bom Jesus, Torres, Tramandaí, Viamão e Porto Alegre, onde ainda acumula o título de Personalidade Porto-Alegrense e a Medalha Lupicínio Rodrigues, da Câmara Municipal.



Leonardo com sua mãe.

1938 - Nasce em 30 de novembro, na cidade de Bagé, onde passa a infância e cursa o primário na Escola XV de Novembro.

Pela impossibilidade da família em criá-lo, vive em lar adotivo do qual não traz boas recordações. Mesmo com a vida difícil, obrigado a trabalhar exaustivamente na lavoura e em lides campeiras, gostava muito de música e chegou a vencer um concurso de calouros infantis da Rádio Cultura de Bagé, interpretando *O Ébrio* (canção consagrada por Vicente Celestino).

1949 - Foge do lar adotivo, empregando-se em fazendas no interior de Bagé, onde passaria a adolescência trabalhando com gado e plantações. Continuava dando

especial atenção à música e traz viva na memória a ocasião em que pode espiar pela janela da rádio de Bagé a apresentação de Pedro Raymundo.

Sempre gostou de leitura, e um fato decisivo em sua vida foi que em uma das fazendas havia uma bem sortida biblioteca. O patrão fazia gosto que o menino tivesse acesso aos livros, chegando a dispensá-lo em determinados horários de trabalho para que pudesse ler. Assim pôde conhecer poesia, contos, novelas e (sua predileção) a história.

1957 - Parte para Porto Alegre em busca da mãe, que só muito mais tarde acabaria encontrando-a e podendo abrigá-la. Na capital, passa a viver de serviços braçais. Dormia e comia onde pudesse, chegando a dormir em bancos de praça.

Um dia, passando em frente a um circo, vê uma placa: "Precisa-se de palhaço". Não perde a oportunidade. Neste circo começa a viver momentos mais felizes como o "Palhaço Sabugo". A parte musical do circo ficava por conta de uma dupla sertaneja, e o jovem Jader aprende a cantar e tocar com os novos amigos.

Logo estaria compondo suas próprias canções no gênero.

1959 - Forma sua própria dupla com Leopoldo Lino dos Santos, ocasião em que adota o pseudônimo "Leonardo". Com a dupla "Leopoldo e Leonardo", consegue gravar três discos em São Paulo voltados para o mercado nacional, mais receptivo à música sertaneja do que o Rio Grande do Sul.

1962 - Forma nova dupla com Deroí Marques: "Leonardo e Leonir". Apesar de considerar sua melhor dupla, nunca chegaram a gravar devido às dificuldades que começavam a surgir no mercado fonográfico. Era início dos anos 60, um período de grandes transformações na cultura brasileira e no mundo inteiro.



Com os irmãos Neher



Os "3 Xirús" em trajes típicos alemães.

1964 - De volta ao Rio Grande, percebe a grande força da música regional gaúcha que se estruturava e que buscava mercado próprio.

Com os irmãos Elmo e Bruno Neher integra o grupo "Os 3 Xirús". Atinge sucesso nacional com a música *Baile da Coceira*.

1965 - O conjunto "Os 3 Xirús" é indicado para representar o Brasil na Feira Internacional de Santarém,

em Portugal. A música *Baile da Coceira* repercute intensamente naquele país, tornando-se o principal sucesso do carnaval de Lisboa.

1971 - Com "Os 3 Xirús", faz o show de abertura da I Califórnia da Canção de Uruguaiana, sendo, portanto, o primeiro músico a cantar no palco daquele festival.

1975 - Depois de vários anos de sucesso, com dez discos gravados, sendo três em alemão para a colônia gaúcha, deixa "Os 3 Xirús", passando a integrar o conjunto "Os Vacarianos".

Ao final do ano, resolve retomar a carreira solo.

1976 - Vai a São Paulo em busca de contatos com duplas sertanejas; consegue algumas gravações, mas sem a repercussão que pretendia.

Três meses depois, retorna ao RS e passa a produzir o selo fonográfico Querência pelo qual trabalhou e lançou mais de 200 títulos e autores, entre os quais Gaúcho da Fronteira, "Os Mirins" e "Os Atuais".

1978 - Compõe *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor* e vence a III Ciranda Teuto Rio-Grandense de Taquara, acompanhado pelo conjunto "Os Mirins".

1979 - Começa a série de gravações individuais com o disco *Leonardo*, pela K-Tell.

1980 - É um dos vencedores da I Guarita da Canção de Torres, com *Batismo de Sal*.

1981 - Lança o LP *O Fumo*.

1982 - Vence a Califórnia da Canção de Uruguaiana com *Tertúlia*, acompanhado pelo conjunto "Os Serranos". Lança o LP *Bagual de Chácara*, pela Discos Chororó.

1983 - Prossegue em intensa série de shows e lança o LP *Viva a Bombacha*, pela Chantecler.

1984 - Sai, pela Gravações Elétricas, o LP *Morocho Não*, cuja canção título era uma resposta à humorística *Morocho*, surgida em festivais.

1986 - Vence a Ciranda das Cirandas, festival que fazia um balanço de dez anos onde concorriam as vencedoras de cada ano. Leonardo havia vencido com *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor*, em 78. Lança o LP *Carta à Uruguaiana*, pela Chantecler.

1987 - Recebe o título de Compositor do Ano, do Sindicato dos Compositores. Sai, pela ACIT, o disco comemorativo *Leonardo - 25 Anos*.



Com "Os Serranos", na Califórnia da Canção Nativa.

1989 - Lança o LP *Passo Fundo, Tchê*, pela ACIT.

1990 - Lança o disco *21 Grandes Sucessos*, pela ACIT.

1991 - Lança o disco *Aos Desgarrados*, pela ACIT.

1993 - Sai *O Analista bem perto de Bagé*, pela ACIT.

1994 - Disco *Vivências*, pela ACIT.

1997 - Vence o Festival Ronco dos Rocos, em São Francisco de Paula. Lança o CD *Exageros de Gaúcho*, pela USA Discos.

1998 - De volta à ACIT, lança *O Homem do Pala Branco*.

1999 - Recebe o Troféu Guri, da RBS, como destaque do ano. Lança o CD *As Mais Premiadas*, pela ACIT.

2000 - A canção *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor* é escolhida em enquete popular realizada pelo jornal Zero Hora como a "Música Símbolo do Rio Grande do Sul", entre as principais músicas do século XX.

Retornando à USA Discos, lança o CD *Dança do Marimbondo*.

2001 - Realiza o show de abertura do "Fórum Social Mundial", em Porto Alegre.

Aos 62 anos tem a vitalidade de um guri e um humor que, muitas vezes, nem os guris têm.

É, seguramente, um dos maiores compositores da história do Rio Grande do Sul e, ao lado de Teixeira e Elton Saldanha, um dos autores mais gravados por terceiros.

Depoimentos

" Quando eu era criança, em Bagé, havia uma casa de comércio que patrocinava as apresentações de Pedro Raymundo na Rádio. Eu subia nas janelas da farmácia em frente à rádio e ficava ali admirando ele com aquela gaita branca. Aquilo certamente guardou lá dentro de mim a semente da música regional gaúcha."

" Quando comecei cantando, foi com música sertaneja; depois é que eu vim a cantar música gaúcha, e aí veio à tona toda aquela vivência campeira e lembrança de Pedro Raymundo."

" Quando fui trabalhar de palhaço no circo e vi de perto o trabalho das duplas sertanejas, fiquei muito emocionado. Ali fiz grandes amigos, eu era o 'Palhaço Sabugo' e adorava a dupla Chará e Timbaúva, meus queridos amigos."

Comecei a fazer músicas para eles cantarem e os três ou quatro grandes sucessos que tiveram na carreira foi com músicas minhas. Tenho muito orgulho disso."

" Tem uma música chamada Liberdade para Morrer, que escrevi com Edson Dutra e de uma frase dessa música eu moldei a minha vida -' perdendo a dignidade, a vida não tem sentido'."

Eu só sei ser, graças a Deus, um homem digno. Apesar de tudo o que passei na infância, nunca bebi, nunca roubei, sempre respeitei as pessoas sem dar importância à cor, riqueza ou nível social; isto para mim já é uma grande coisa, para quem veio de onde eu vim, com as piores perspectivas possíveis."



Com Honeyde Bertussi



" As principais dificuldades que eu vejo para a música do Rio Grande entrar no restante do Brasil são a falta de ação dos órgãos públicos, que deveriam investir na gente como representantes do estado e a nossa própria postura como artistas."

" Temos uma tradição de defensores de fronteira, somos um povo muito orgulhoso e dificilmente um gaúcho chega lá nas gravadoras de São Paulo de chapéu na mão. Os produtores de lá não estão acostumados com isso. A maioria pede, insiste; os gaúchos exigem, brigam e ficam revoltados com as negativas; não temos humildade."

" A música sertaneja é a mais tocada no Brasil, e os empresários nunca se interessaram muito pela música do Rio Grande. Apesar disso, há CTGs espalhados por todo o país, só que os gaúchos nunca foram para outros estados por força de êxodo rural, mas como desbravadores, como investidores, e até isso demonstra que somos diferentes."

" Acho que é difícil para os empresários que estão acostumados a tratar artistas como seus empregados, terem que lidar com um povo mais ativo como a gente, acho que somos até meio odiados por isso, mas o dia que estes empresários não tiverem mais para onde ir, aí sim a música gaúcha vai estourar."

Não é bairrismo, nós somos mesmo o melhor estado



da federação, aqui se vive melhor, se respeita e se ama mais."

" O Brasil vive na 'indústria do jabá'. Isso é pernicioso e prejudicial, porque força o sucesso artificial, e as coisas que deveriam tocar naturalmente não aparecem. Não são todos, mas pelo menos 70% dos caras que têm o poder da comunicação só tocam se pagar; isso é a realidade, eu acho até que o jabá deveria ser criminalizado, porque deixar de tocar uma coisa importante por uma porcaria, só porque está recebendo dinheiro, é um crime contra cultura do país; não sei como é que essas pessoas conseguem dormir."

" Para mim tudo é música regional. Se fosse nativa, a gente só ia cantar música de índio. Isso foi só uma convenção que excluiu a trova e a rancheira e fazer uma coisa mais pomposa; eu acho isso uma bobagem."

" Eu fui o primeiro músico a tocar na Califórnia. Fiz a abertura da primeira edição com 'Os 3 Xirús' e depois vi o festival estourar definitivamente com o Cesar Passarinho cantando Negro da Gaita; depois ganhei também e é por isso que posso te dizer, a Califórnia foi a coisa mais importante para o desenvolvimento da moderna música do Rio Grande. Para mim mesmo significou a mu-

dança da vida e da carreira.

Em 1982, eu botei na cabeça que precisava ganhar a Califórnia, precisava disso em minha carreira e venci mesmo com Tertúlia. Olha a importância que teve aquele festival! A gente chegava a pensar que podia mudar a vida da gente."

" Para se fazer sucesso como cantor, tem que acontecer alguma coisa excepcional. Eu não tenho nada de especial como cantor, apenas canto com o coração e sei que vou conquistar o público só por causa disso; as pessoas vão gostar mais da minha mensagem do que da minha voz. Por isso eu só canto o que eu mesmo componho."

" O meu aprendizado no circo foi muito importante. Se hoje eu faço músicas engraçadas e, principalmente, em shows em praça pública, as pessoas se divertem muito, é porque eu tive aquela escola."

" A maioria dos músicos gaúchos faz música para os colegas gostarem. Eu quero é que o povo goste, porque é ele quem compra o meu disco. Os colegas enchem a gente de elogio e vaselina, mas só escutam o teu disco se ganharem. Então a música popular gaúcha tem que perder este vício e fazer música para o público."



Leonardo com "Os Monarcas", no 1º Ronco do Bugio, em São Francisco de Paula-RS.



Céu, Sol, Sul, Terra e Cor

Valsa

Letra e Música:
Leonardo

Sol M *Do M* *Sol M*

EU QUE RO AN-DAR NAS CO-XI-LHAS, SEN-TIA-DOS FLO-KI-LHAS DAS ER-VAS DO CHÃO, TER OS

Lã m *Do M* *Rã M* *Sol M* *Do M*

PÉS RO-SE-TEA-DOS DE CAM-PO, FI-LAR MAIS TRI-GUEI-RO COMO SOL DE VG-RÃO, FA-ZER VER-SOS, CANTAR-JOS BE-

Fã M *Mã M* *Lã m* *Fã M* *Do M* *Sol M*

LE-ZAS DES-TA NA-TU-RE-ZA SEM PAR. E MOS-TRAR, PA-RA QUEM QUI-SE VER, UM LU-GAR PRA VI-VER

Do M *Fã M* *Do M* *Sol M* *Do M* *Sol M*

SEM CHO-RAR! E MOS-TRAR, PA-RA QUEM QUI-SE VER, UM LU-GAR PRA VI-VER SEM CHO-RAR! É O

Do M *Fã M* *Do M* *Fã M* *Do M*

MEU RI-O GRAN-DE DO SUL, CÉU, SOL, SUL, TER-RAE COR, ON-DE TU-DEO QUE SE PLAN-TA CRES-CE O QUE

Sol M *Do M* *Fã M* *Do M*

MAIS FLO-RES-CE O A-MOR! É O MEU RI-O GRAN-DE DO SUL, CÉU, SOL, SUL, TER-RAE COR, ON-DE

Fã M *Do M* *Sol M* *Do M*

TU-DEO QUE SE PLAN-TA CRES-CE O QUE MAIS FLO-RES-CE O A-MOR!

NO INÍCIO PARA OUTRAS ESTROFAS



Tertúlia

Chimarrita

Leonardo

EST: U - MA CHA - MAR - DA, U - MA FO - GUEI - RA, U - MA CHI - NO - CA, U - MA CHA - LEI - RA,
 U - MA SAU - DA - DE UM MATE - AMAR - GO E A PE - O - HA - DA RE - PAS - SAN - DO TRA - GO.
 NOI - TE CHEI - RAN - DO QUE - RÊN - CIA NAS TER - TÚ - LIAS DO MEU PA - GO. U - MA CAM - PA - GO. I. TER -
 TÚ - LIAS É - CO DAS VO - ZES PER - DI - DAS NO "CAM - PO - A - FORA", CAM - TI - GA BEO - SIM - DO
 LI - VRE, NO - VO PRE - MIA - CU JEAN - RO - RA. É RI - MA SEM COM - PRA - MIS - SO, JOU - GA MEN - TOR -
 CAS - TRA - ÇÃO, ON - DE SE MAR - CA COM - PRA - MIS - SO NO BA - TER DO CO - RA - ÇÃO.

Estr.: Uma chamarra, uma fogueira
 uma chinoca, uma chaleira
 Uma saudade, um mate amargo
 que a peonada repassando vai,
 Noite cheirando a querência
 nas tertúlias do meu pago.

Tertúlia é o eco das vozes
 perdidas no "campo afora",
 cantiga brotando livre,
 novo prenúncio de aurora,
 É rima sem compromisso,
 julgamento ou castração,
 onde se marca o compasso
 no bater do coração.

É o batismo dos "sem nome",
 rodeio dos desgarrados,
 grito de alerta do pampa,
 tribuna de injustiçados.
 Tertúlia é o campo sonoro,
 sem porteira ou aramado,
 onde o violão e o poeta
 podem chorar abraçados.

Estr.: Uma chamarra, uma fogueira
 uma chinoca, uma chaleira
 Uma saudade, um mate amargo
 Que a peonada repassando vai,
 Noite cheirando a querência
 nas tertúlias do meu pago.



Berenice Azambuja

Mulher,
Artista,
Vencedora
e Gaúcha.



Berenice foi talhada para sua profissão. Na infância já sabia o que queria. O capricho de seu trabalho é reconhecido em todo o Brasil e no exterior, seja como cantora, compositora, arranjadora, instrumentista ou *show-woman* que dança e encarna o personagem dos pés à cabeça. Eis aí uma conjunção rara na música do Rio Grande do Sul. Talvez uma análise antropológica e psicossocial possa revelar as razões pelas quais encontramos tão poucas mulheres compositoras em nosso estado, pelo menos mulheres de grande destaque nesta seara. Vejamos: Mary Terezinha (ao lado de Teixeira), Marlene Pasto (excelente cantora e compositora restrita aos festivais e a alguns discos, com muito menos projeção do que merecia), Laís Marques (com algum destaque nos anos 60/70, sem disco solo), Adriana Calcanhotto (modernamente e fora do espectro regional), Zilah Machado (que só conseguiu gravar seu único disco de composições próprias, após quase meio século de carreira), e...(e?). Bem, esta enumeração não tem a intenção de cometer odiosas e injustas comparações entre essas e outras artistas. É preciso, no entanto, do ponto de vista histórico, constatar que temos poucas (pouquíssimas) compositoras de destaque em nosso cenário cultural. É provável até que haja muitas por aí, mas, com destaque profissional, definitivamente não. Por que será?

Pois Berenice significa a exceção, a ruptura, o enfrentamento desta realidade. Carrega o peso desta responsabilidade junto às poucas outras representantes de sua estirpe. Sua música, de linguagem popular, não é simplória do ponto de vista técnico. Ela é uma artista de grande experiência. Começou ainda criança, sempre trabalhou muito e em áreas diversas, incorporando elementos de várias linguagens. Talvez aí a razão da comunicação vertical de sua música com o Brasil. Berenice "deu a volta" no eixo Rio-SP. Conquistou Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso e, com muita força, nordeste brasileiro. Levou com ela a música e a figura do(a) gaúcho(a). Compreensivelmente aceitou ser classificada como cantora sertaneja pela mídia da região sudeste que, desde os tempos de Pedro Raymundo, tem dificuldades em entender a procedência e o caráter da música do sul. Mais do que aceitar passivamente a catalogação, a compositora tangenciou o caminho sertanejo. Só que o fez com qualidade. Nada de pasteurizações. Interessante, também, como adotou temas de Telmo de Lima Freitas (como já fizera José Mendes), compondo outras tantas pérolas com vários parceiros. A personalidade de Berenice tem especial significado histórico para o Rio Grande do Sul, mas sua obra requer maior atenção. Há muito o que se aprender com uma mulher que venceu todas as barreiras, inclusive a tão propalada fronteira entre o RS e o Brasil musical. Berenice foi talhada para ser quem é.

Henrique Mann - Editor



Cronologia Biográfica: Berenice Azambuja

1952 - Nasce a 21 de março, no bairro Partenon, à rua Teixeira de Freitas, em Porto Alegre. Filha de Ernestina da Conceição e Pedro Paulo Azambuja. Herdou dos pais a veia artística. A mãe era artista circense e o pai seresteiro e violonista que chegou a acompanhar Pedro Raymundo. Berenice adorava música desde bebê. Com quatro anos, tinha verdadeiro fascínio pelo acordeom de uma tia e tentava pegar o instrumento no colo. Claro que não conseguia. Aos sete anos, porém, a mãe, entendendo que já tinha tamanho, deu-lhe o acordeom que Berenice carregaria para toda a vida consigo. Passa a estudar o instrumento no Instituto Musical Piratini, concluindo o curso de teoria e solfejo aos onze anos de idade, e o de acordeom aos doze.



Berenice em 05.11.1953.

1962/65 - Já atuava profissionalmente no "Clube do Guri", da Rádio Farroupilha, como acordeonista, onde chegou a acompanhar muitas vezes a cantora Elis Regina. Ganhou vários prêmios em concursos de novos talentos, tocando MPB ou cantando em inglês. Começa a participar com destaque do programa "Grande Rodeio Coringa", apresentado por Darcy Fagundes e Luiz Menezes. Ali passa a interessar-se por música gaúcha. Forma dupla com o violonista Erni por um ano e meio e depois com Cláudio da Rosa, atuando em programas de rádio, bailes e churrascarias.

1966 - Passa a integrar o conjunto "As Brasas", tocando bateria, baixo e guitarra. O conjunto marcou época em Porto Alegre. Era o primeiro formado só por mulheres. Apresentavam-se com a cabeça raspada, todas menos Berenice que continuava exercendo seu outro papel de artista junto ao meio regionalista, tocando, cantando e até dançando.

Apresentava-se com "As Brasas" e várias vezes teve de sair do show e vestir a indumentária gaúcha para ir animar festas em clubes, bailes e CTGs na mesma noite. Por longo tempo, exerceu os dois papéis. Logo passou a integrar vários outros conjuntos. Foi nessa época que conheceu José Mendes. O cantor e compositor, recém chegado a Porto Alegre, não tinha para onde ir. Berenice abrigou-o em sua casa. Trabalharam juntos durante cinco meses em shows e viagens. Inclusive, segundo Berenice, José Mendes teria aprimorado sua técnica de cantar com esta experiência. Ficaram, depois, algum período sem se encontrar. Quando José Mendes ficou famoso, em 1970, voltou a ser sua acordeonista.

Na viagem em que o cantor faleceu, em 1974, só não estava junto por mera casualidade: já havia agendado show solo em Jaguari.

1972 - Grava pela primeira vez, em disco, numa coletânea de músicas de carnaval chamada *Mão na Massa*, com vários intérpretes.

1975 - Forma o conjunto "Berenice Azambuja e os Açorianos". Lança seu primeiro disco solo, chamado *Fogo de Chão*. Experiência que a cantora traz viva na memória: *"Não acreditava que aquilo estivesse acontecendo. Foi uma euforia que só controlei com o apoio do produtor Hamilton Chaves. Sempre quis gravar, mas não queria que fosse 'matéria paga'; o convite veio pela Continental."*

Com este conjunto, ainda participaria da Califórnia da Canção em 75 e 76, classificando as canções

Fogo de Chão e Truco do Amor.

1977 - Atuando com novo conjunto, com formação própria para bailes, grava o segundo LP *Gau-chinha Faceira* (Continental), do qual destaca-se a canção *Tem Mosquito no Salão* (Berenice e Sidney Santos).

1978 - LP *Berenice Azambuja é o Sucesso*, pela Continental.

1979 - Sai o quarto LP, *Canto para Mil Que-rências*, pela Continental.

1980 - Surge o grande sucesso de sua carreira. No disco *Romance de Terra e Pampa* (pela Chantecler), a gravação de *É Disto que o Velho Gosta* (Berenice e Gildo Campos). A cantora não acreditava muito nesta música, deixando-a do lado B do LP. Para sua surpresa, estoura em todo o Brasil (principalmente no nordeste) justamente esta faixa. Logo a gravadora lança compacto, elevando as vendas do disco para 80 mil cópias.

1981 - Sai pela Chantecler o LP *Tropeada da Vi-da*, com várias parcerias com Cecília Cassab e *Minha Gaita Companheira*, com Leonardo. O disco repercutiu bem em todo o país.

Em 20 de julho, para um público de 15 mil pessoas no Maracanãzinho, a Chantecler reúne Tônico e



Tinoco, Irmãs Galvão, Teixeira, Mary Terezinha e Berenice, entre outros grandes artistas para gravar, ao vivo, o LP *A Grande Noite da Viola*. Foi o show mais emocionante da carreira da cantora e compositora.

1982 - Entre vários artistas de destaque nacional, como Gonzaguinha e Diana Pequeno, recebe em Canela (RS) o Troféu Disco Visão, na II Festa Nacional do Disco, destacada em jornais do Rio de Janeiro e revistas de circulação nacional como a *Veja*. Curiosamente esta revista publica matéria, classificando Berenice como "a nova estrela do sertão gaúcho"; aliás, chama a atenção o número de reportagens da época, colocando Berenice e Teixeira no segmento de música sertaneja. Participa no Rio (Teatro João Caetano) e em Porto Alegre (Teatro Leopoldina) da Mostra de Música Popular Gaúcha entre vários artistas.

1983 - Lança o LP *Canto da Terra* pela Musicolor/Continental.

1984 - Lança o LP *Berenice Azambuja*, pela Continental.





1986 - Lança novo LP homônimo, pela Continental. Participa da coletânea *Grandes Gaiteiros do Sul* (Discoteca).

1989 - Lança seu décimo LP, também homônimo, desta vez pela Chantecler.

1991 - Em matéria do *Jornal do Povo* (PR), 23 de novembro de 91, foi apelidada de "Gauchinha Façeira". Vinte e dois anos de carreira, dez discos gravados e apresentações em Portugal, Espanha, Uruguai, Argentina, Paraguai e Chile.

1992 - Lança novo LP homônimo, desta vez pela RGE.

1995 - Lança seu primeiro CD *Um Pedaco do meu Pago*, pela ACIT.

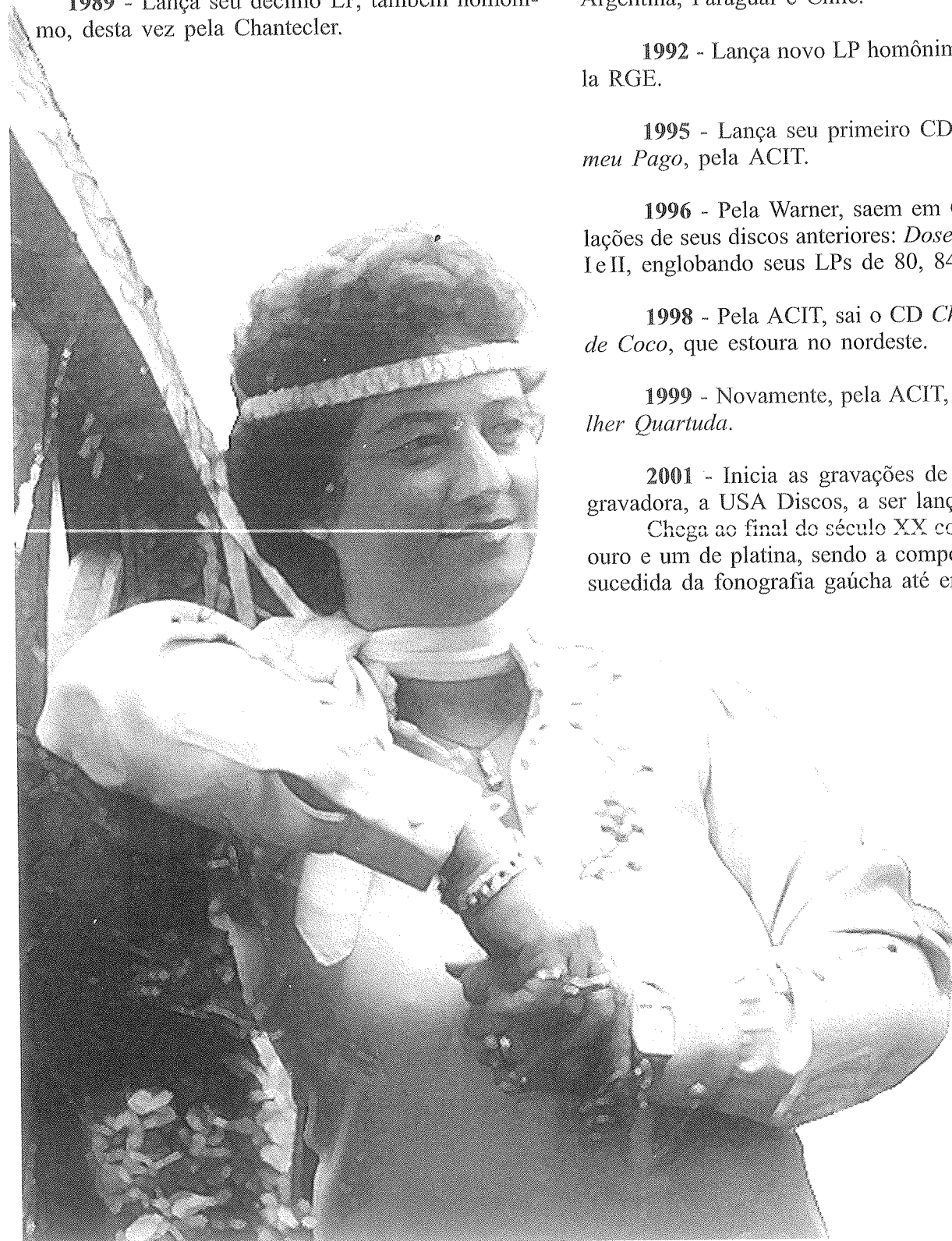
1996 - Pela Warner, saem em CD duas compilações de seus discos anteriores: *Dose Dupla*, volumes I e II, englobando seus LPs de 80, 84, 86 e 89.

1998 - Pela ACIT, sai o CD *Chimarrão e Água de Coco*, que estoura no nordeste.

1999 - Novamente, pela ACIT, lança o CD *Mulher Quartada*.

2001 - Inicia as gravações de disco para nova gravadora, a USA Discos, a ser lançado em 2002.

Chega ao final de século XX com dois discos de ouro e um de platina, sendo a compositora mais bem sucedida da fonografia gaúcha até então.



ilust. digital: V. H. Turuga

Depoimentos

Entrevista exclusiva para esse Projeto em 2001.

" Sempre procurei fazer alguma coisa diferente no meu trabalho. Gravei com orquestra no tempo da Continental e adaptei músicas românticas de outros autores para o gênero gauchesco. Hoje em dia há conjuntos ótimos fazendo isso, mas na época diziam que eu estava tirando a autenticidade da música gaúcha. Eles só queriam gaita, violão, baixo e pandeiro, no máximo bateria. Eu acho que os conjuntos de hoje fazem muito bonito. É uma música 'baguala', com cheiro de terra, só que com mais instrumentos. Acho que ajudei nisso. As resistências que existem à modernização da música gaúcha vêm dos CTGs, e eu não entendo bem por que isso acontece."

" Gosto de misturar. A música do RS tem ótimos compositores, mas o feijão com arroz enjoa um pouco. Então boto forró, xaxado e até rock nas minhas músicas para inovar e, dentro do possível, sem fugir do tradicionalismo. Acho que isso leva a nossa música mais adiante, mais conhecida no Brasil."

A gauchada não costuma sair do RS, Santa Catarina e Paraná e, às vezes, Mato Grosso. Faço estes estados e vou ao Rio, SP e nordeste. Sei que é preciso ter novas roupagens da nossa música para fazer isso. O disco Chimarrão com Água de Coco é um casamento entre dois estados."

" Nos meus shows, antigamente, fazia a dança dos facões e dançava chula. Comecei a usar xiripá e bombacha, costuradas por minha mãe. Naquela época as mulheres não faziam essas coisas. Aprendi essas danças no Grêmio Gaúcho, em CTGs e levei para as minhas apresentações. Uma vez acertei um colega com um facão. Coitado, levou oito pontos na testa. O pessoal ficou admirado: 'então é pra valer'. Essas coisas abriram um espaço só meu e ajudaram no sucesso. Eu não podia fazer a dança dos facões ou dançar a chula vestida de prenda, né?"

" Sempre me dei bem com Mary e Teixeira. Almoçávamos juntos em São Paulo, no Hotel Jandaia. Fiquei muito feliz quando ele fez Fandango da Berenice para mim. Nunca trabalhamos juntos por falta de tempo. Torço para que surjam outras mulheres na música do RS, porque somos poucas e a responsabilidade fica muito grande em cima da gente: 'por hoje é só minha gente / Teixeira que disse / fandango





Fotos cedidas por Berenice Azambuja.

Show em Campo Grande, MS, em outubro de 1988.

bem animado/ só sendo tocado/ pela Berenice. (letra de Teixeira)."

" Não sei por que a música gaúcha não estoura. No nordeste, se eles estouram um forró, logo está tocando no Rio e SP. Aqui, apesar das músicas e letras muito lindas, isso é difícil. Se a gente sai de xiripá na rua logo tem gente rindo e apontando. No nordeste, as baianas saem a caráter e todo mundo respeita.

Eu usaria a nossa indumentária tradicional no dia-a-dia se não ficassem dizendo que eu quero aparecer."

" Tenho muita mágoa do Rio Grande. Acho que só vão me dar valor aqui depois que eu morrer. A minha família já está avisada: - Não quero que ninguém faça nada com trabalhos meus depois que eu fechar os

olhos! Está proibido! Nestes anos todos, é a primeira vez que alguém vem fazer uma pesquisa deste tipo.

Deviam dar mais valor enquanto estou viva. A Elis, ficaram falando mal, mas ela foi para onde o trabalho dela iria ser aceito."

" O vanerão se identifica muito com o forró. O ritmo é o mesmo, só muda a velocidade. Eles foram pegando as músicas da gauchada e gravando em ritmo de forró, e hoje tem muita música nossa fazendo sucesso tocada do jeito deles no nordeste."

" O Paixão Côrtes resgatou a história, a música, a dança e até a nossa culinária. Nas escolas, as pessoas só falam em conhecer os EUA e a Europa, mas, como, se nem conhecem a própria região? Deviam dar mais valor às nossas coisas."



É Disso Que o Velho Gosta

Berenice Azambuja e Vaine Darde

1 A E7 A
 EU SOU UM PEÃO DEES TÂN CIA NAS CI DO LÁ NO GAL PÃO EA PREN DI DES DE CRI

4 E7 A
 AN CA A HON RAR A TRA DI CÃO OMEU PAI E RA UM GA

7 D E7
 U CHO QUE NUN CA CO NHE CBU LU XO MAS VI VEU FOL GA DOEN FIM

10 D E7
 E QUAN DO ME PER GUN TA RAM DO QUEE LE MAIS GOS TA VAO VE LHO DI ZI A

13 A E7
 SIM CHUR RAS COE BOM CHI MAR RÃO FAN DAN GO TRA GOE MU

15 A E7
 LHER É DIS SO QUEO VE LHO GOS TAÉ IS SO QUEO VE LHO

17 A E7
 QUER E FOI AS SIM QUEA PRIEN DI A GOS TAR DO QUE É

19 A E7
 HOM A TO CAR MI NHA COR DEO NAE GAN TAR SEM SA IR DO

21 A D
 TOM SER A MI GO DOS A MI GOS NUN CA FU GIR DO PE

23 E7
 RI GO MEU VE LHO PAI MEEN SI NOU E QUAN DO ME PER GUN

26 D
 TA VAM

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



No Toque da Rancheira

Berenice Azambuja

1 NO TO QUE DA MI NHA RAN CHEI RA TO DA GA U CHA DA SÓ DAN ÇA NO TRO TE FAZ ES TRE ME CER A

7 SA LA QUEM JÁ NA HA GUA LA FLO RIN DOA PI NO TE XI NO CA MUI TO DEAS SA NHA DA DE SAI A RO DA DA VEM TO DA FA

14 CHEI RA NO RON CU DES TA OI TO BAI XOS GRI TA PA RAO MA CHO DES CEES SA RAN CHEI RA O JEI TO É SE DI VER

21 TR POR QUE DES TA VI DA NÃO SE LE VA NA DA NO COM PAS SO DA RAN CHEI RA A GAI TA CON VI DA TO DA GA U CHA DA

28 OS BAI LES MAIS A NI MA DOS QUE EU JÁ TO QUEI NAS ZO NAS DA FRON TEI RA LE VAN TA VAO PÓ DA

34 SA LA QUAN DO EU TO CA VAES TA LIN DA RAN CHEI RA QUAN DO CHE GAA MA DRU GA DA O PO LE DA GAI TA JÁ VAI SE FE

42 CHAN DO A PRO VEI TEM GA U CHA DA O BAI LE TÁ BUE NO JÁ TÁ TER MI NAN DO A GO RA VOU ME DES PE

49 DIR O DIA ES TÁ CLÁ REAN DO TE NHO QUER EM BO RA NO A CON CHE GO DOS PE LE GOS VOU PRO VE LHO RAN CHO VOL TOA QUAL QUER

55 HO RA

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) *	- Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel	- Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes	- Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes	- Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha	- Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes	- Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja	- Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) **	- Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) **	- Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos")	- Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedeu	- Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) **	- Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino	- Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim	- Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges	- Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará	- Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro	- Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleiton & Kledir (especial) **	- Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça	- Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá	- Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil	- Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira	- Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto	- Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia	- Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny	- Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando	- Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy	- Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua	- Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) **	- Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) ***	- Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

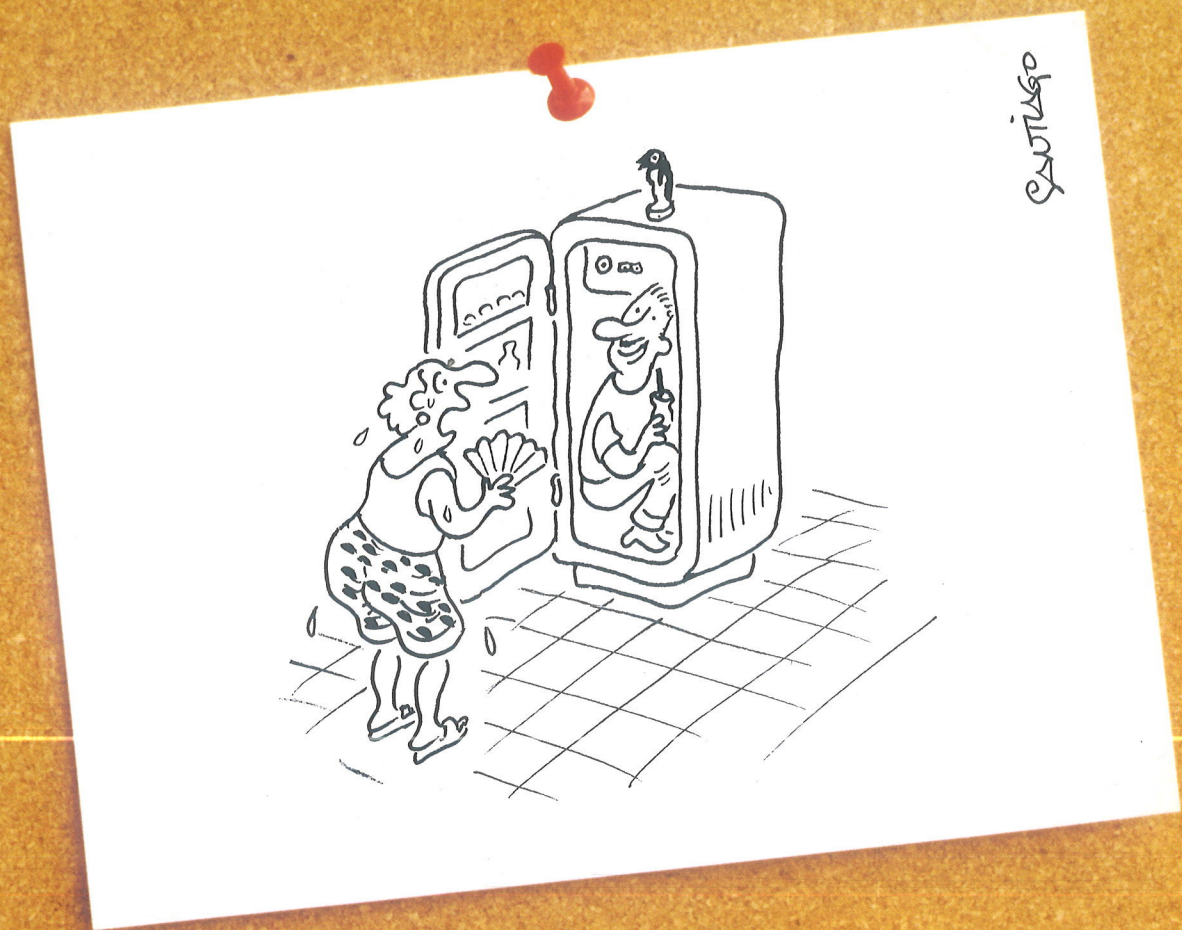
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou pop rock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleiton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC Lei de Incentivo à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.ceee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura